

# Integralismo e paúlismo

Preguntam-nos o que seja o *paúlismo*, palavra que está agora dando a volta á roda dos botequins e das... môleiras. O *paúlismo*, indiscreto preguntador, é a etiqueta poetica do *integralismo* politico, como o *integralismo* é a etiquette política do *integralismo* poetico ou estético. O *Orfeu*, como tantas vezes temos dito, é a expressão revisista do *integralismo*, como o *Nacional* é a expressão jornalistica do *paulismo*. *Paulismo*, ou seja *pantanismo*, charco em que poetas e politicos de uma mesma orientação filosófica, como é moda agora dizer-se, inchando as bochechas, cantam como rãs e medram como sapos.

Os *paulistas* do galho politico da grey, numa gafanhotesca revoada devastadora, cairam sobre os principios e os homens da Revolução, recomendando-se de uma pretensa selecção evidentemente só profícua aos novos... apostolos. Os *integralistas* do garfo poetico, esses, também se inspiram esteticamente na tal selecção que os deve distinguir do... proximo, o qual, consequentemente, por eles remontarem muito alto na lyra, tem de passar, pela força das coisas, a ser o... remoto.

Claro é que não podemos ser mais nitidos, por mais que nos esforçemos, em tamanha confusão, autentica identificação já, entre *paulistas* politicos e *integralistas* poéticos, tão brilhantemente acusada pelos seus dois órgãos jornalisticos—o *Orfeu* e o *Nacional*. Senão leia-se o que o primeiro destes monumentos artisticos diz em seu programa referente aos principios politicos que norteiam a sua expressão poetica, e cuja pedra fundamental é precisamente a selecção que tanto, em seu proprio conceito, tem destacado os conferentes integralistas do paúlismo *snob*.

Esta linha de que se quer acercar em beleza, *Orfeu*, necessita de vida e palpitação, e não é justo que se esterilize individual e isoladamente cada um que a sonhar nestas cousas de pensamento, lhes der orgulho, temperamento e esplendor—mas pelo contrario se unam em selecção e a dêem aos outros que, da mesma especie, como raros e interiores que são, esperam anciósos e sonham alguma coisa que lhes falta,—do que resulta uma procura estética de permutas: os que nos procuram e os que nós esperamos...

9 Maio 1915

Não pôde ser mais clara a alusão ao que falta aos do *Orfeu* e que o *Nacional* procura dar-lhes:—um trono e um altar.—Um trono que ele, o *Nacional*, já tem sobre um altar na sua redacção. A osmose tem-se feito naturalmente, indo já os do *Orfeu* inscrever-se no centro manuelista, e tendo ido os do centro manuelista inscrever-se como assinantes do *Orfeu*, cujo segundo numero se espera breve, ainda mais poética e monárquicamente inspirado do que o primeiro.

Eis porque no *Orfeu* se chora a monarquia ida e não tornada nestes trenos verdadeiramente jermiacos:

No meu mundo interior cerraram-se armaduras,  
Capacetes de ferro esmagaram Princesas.  
Toda uma estirpe real de herois doutra bravura  
Em mim se despojou dos seus braços e presas.

Não ha duvida:—é a expressão poética do programa político do *Nacional*.

## Em perigo...

Ao que parece o monárquico *Jornal da Noite* corre perigo de se afundar tambem nas syrtes do integralismo. Quem havia de dizer que aquele desempoeirado espírito do nosso Rocha Martins, seu director, se havia de deixar alguma vez influenciar pelas sirenescas cantigas do *Orfeu*, esse orgão poetico do integralismo político? Pois é verdade, o integralismo, esse filoxera vastatrix das jovens môleiras academicas, tambem já escorre pela folha política e que nada tem de parreira do preclaro miniaturista da nossa D. Carlota Joaquina, a tal ponto que a muitos se há de afigurar que, se para se ser integralista se tem de ser monárquico, já hoje se não pôde ser monárquico neste país sem se ser integralista, para supremo gau dio do *Nacional* e desespero não menos supremo do *Dia*...

E' assim que no *Jornal da Noite* surdiu agora um néo-integralista coimbrão proclamando os méritos de uma inédita geração nova que ainda nada produziu que se visse a não ser o *Orfeu*, esse orgão poetico do integralismo político,—e, vamos lá! que para revelação foi

A Republika 11

J. Mário 1915

archi-sensacional—e alegando que ao apelido do *snobismo* de tal geração se deve já nada menos que... a dignificação da Patria! Não sabemos bem como os jovens tal conseguiram, mas se eles o dizem é porque é assim e... deve vir no *Orfeu*, essa nova Taboa da Lei, não recebida das mãos de um Deus imperioso dalgum Sinai entre trovões e coriscos, mas tirada a forceps da minhoquenta cerebração que sabes...

Eis, pois, o que já sabemos de ver-se, embora sob palavra de honra, ao *snobismo* da geração nova, a qual, pela grande pena do seu intérprete, desdenhosamente afirma que «o sér-se republicano era ontem, no tempo do snr. Antonio José de Almeida, chic e de bom tom como manifestação de intelectualidade, sendo demais uma recomendação para depois se ter uma boa posição, ao passo que hoje ser sér-se monárquico é uma optima recomendação para se... ser queimado em agua-raz».

Nada menos que isto, afirma o néo-integralista, porta-voz, ao que parece, dos seus correligionarios, e que, por esta manifestação... intelectual, deve pertencer ao grupo político do integralismo de que o *Orfeu* é o orgão poético. Porque o moço, que não leu Maquiavelo nem sequer o *Novo Príncipe* de nosso Gama e e Castro—o evangelho da grei—e que não juramos mesmo que tenha lido coisa nenhuma, nem mesmo os compendios da aula, alega com um saber que parece de experiencias feito em meios tradicionais e familiares, que os rapazes da geração de 90, em plena monarquia, eram republicanos para melhor se enchararem em boas situações. E daí talvez que tal crença, aliás inteiramente gratuita, seja a verdadeira razão porque tantos mocinhos imberbes e impuberes hoje, em plena República, se dizem e afirmam monárquicos, decerto com similar, posto que erronea, esperança... Porque a tal *agua-raz* destinada a queimar os monárquicos se vai tornando numa verdadeira *agua-benta* revelada em tantos exames liceais e universitários à sombra das crueis leis da República...

E' caso para se dizer, lendo o néo-integralista do *Jornal da Noite*:

Tão pequeno e tão maroto...

Não é do *Orfeu* o verso, todos o sabem, mas é do grande e anonimo cancionero popular, que também

faz parte integrante dessa tradição que hoje os mocinhos imberbes reivindicaram como descoberta por eles, mas que se deve precisamente a essa magnifica geração academica a que pertenceu o director da *República*, descoberta essa que eles descalçaram, deturparam e estragaram a seu modo, aplicando-a a interpretações que, ingenuamente maquiavelicas, deixam entrevêr propositos menos generoso, porque friamente calculistas.

E o mais lamentavel é que o *Jornal da Noite*, com o seu e nosso Rocha Martins, lá se vai deixando arrastar na corrente, por um modo tal que, a não siar á ré depressa e a todo o vapor, em breve deixará a perder de vista o próprio *Nacional*.

Cautela, amigo, cautela e... banhos de chuva. Lá diz propositadamente o «*Orfeu*»:

Esta vida de bordo ha de matar-me.  
São dias só de febre na cabeça  
E, por mais que procure até que adoeça,  
Já não encontro a mola p'ra adaptar-me.

E se perde a móla, Rocha Martins, lá se lhe vai tudo o que até agora a sua roca fiou. Naufragar no integralismo, seria realmente um desastre irremediavel para o *Jornal da Noite*. A não ser que o integralismo, como nos bacoréja, seja realmente a condição *sine qua non* do lidimo monarquismo lusitano, e o recondito motivo que levou o *Dia* á desgraça e a roçar-se amordadamente, como numa penitencia imposta, pelo cólo sorvado e rechuchado da velha comadre.. do *Crispim*.

1. A Repúbl'ca  
8 Maiu (continuação)

